

## Em residência artística, libaneses investigam migração e xenofobia

Amanda Abi Khalil e Ahmad Ghossein fazem debate nesta segunda na EAV



Amanda Abi Khalil e Ahmad Ghossein no Instituto Inclusartiz, no Jardim Botânico - Leo Martins / Agência O Globo

POR NELSON GOBBI

25/06/2018 4:30



RIO — Em residência artística de um mês no Brasil, a curadora independente Amanda Abi Khalil e o cineasta e artista visual Ahmad Ghossein, ambos libaneses, desenvolvem no país uma pesquisa sobre as práticas culturais de hospitalidade, que aborda, ainda que de forma transversal, questões prementes em todo o mundo, como imigração e xenofobia.

**LEIA MAIS:** [França propõe sanções a países que se recusarem a acolher refugiados](#)

A dupla — que promove nesta segunda-feira, na Escola de Artes Visuais (EAV) do Parque Lage, às 17h, a exibição dos filmes “My father is still a communist” (2011) e “The fourth stage” (2015), de Ghossein, seguida de debate com o público — investiga as complexidades que envolvem o acolhimento, sejam referentes aos fluxos migratórios do passado e do presente ou em relação à própria dinâmica da arte contemporânea.

*‘A residência é uma forma de hospitalidade no mundo da arte, em que desempenhamos duplo papel. Somos hóspedes na nossa estadia, mas também somos anfitriões da comunidade artística’*

— O contexto político atual acaba sendo o pano de fundo da minha pesquisa sobre as tensões da hospitalidade. Até porque não existe hospitalidade incondicional, ela traz sempre alguma forma de hostilidade, como relacionou (o filósofo Jacques) Derrida — observa Amanda, no Instituto Inclusartiz, no Jardim Botânico, instituição responsável pela vinda da dupla. — A residência é uma forma de hospitalidade no mundo da arte, em que desempenhamos um duplo papel. Somos hóspedes durante a nossa estadia, mas também somos anfitriões da comunidade artística e do público, nos eventos em que participamos aqui.

Amanda e Ghossein ficam no país até depois de amanhã, quando voltam para Beirute, onde estão baseados. Durante o período da residência, a curadora encontrou artistas brasileiros cujas obras estabelecem um diálogo com a sua pesquisa. O resultado do intercâmbio será visto numa exposição que a curadoria vai montar no Rio, em 2019, e que deve itinerar para São Paulo e o Líbano.

— Encontrei vários artistas durante a residência, como Laura Lima, Marcos Chaves, Matheus Rocha Pitta, Gabriela Gusmão, Ícaro Lira, Cabelo, entre outros — enumera a curadora. — Todos trouxeram trocas interessantes. O Paulo Nazareth, por exemplo, tem uma prática que me interessa muito, ao abordar questões de movimento e deslocamento.

### INTERAÇÃO COM A CIDADE

Com uma obra marcada por elementos autobiográficos, Ahmad Ghossein aproveitou a estadia no Brasil para coletar novos elementos para sua pesquisa sobre a conexão entre experiências individuais e realidades compartilhadas.

— A residência é sobre a minha interação com a cidade, das contradições entre o que é dito e o que você sente e vê — ressalta Ghossein, que prepara seu primeiro longa-metragem, “All this victory”. — Essa vivência não tem como objetivo um projeto específico, mas integra minha obra em progresso sobre experiências pessoais em diferentes locais do mundo.

O cineasta e artista visual nasceu em 1981, durante a guerra civil no Líbano, mas o conflito não está no centro dos temas abordados em sua obra.

---

*‘A sensação de guerra está presente de diferentes formas em vários lugares do mundo. Na semana passada, voltávamos de São Paulo e presenciamos uma grande ação policial quando saíamos do aeroporto (do Galeão), com armas e equipamento de combate.’*

— AHMAD GHOSSEIN  
Artista visual

---

— Muito já foi feito sobre a guerra civil. Minha geração, que era criança na época, tem uma memória muito diferente de quem a viveu de forma mais intensa. Mas as questões que envolvem violência e os conflitos na sociedade me interessam — comenta Ghossein. — A sensação de guerra está presente de diferentes formas em vários lugares do mundo. Na semana passada, voltávamos de São Paulo e presenciamos uma grande ação policial quando saíamos do aeroporto (*do Galeão*), com armas e equipamento de combate.

Foi o conflito no Líbano que trouxe Amanda ao Brasil pela primeira vez, muito antes de pensar em voltar como uma curadora de renome internacional: nascida em 1985, ela viveu no Brasil ainda criança, com sua família, antes de voltar para seu país no fim dos anos 1980. No ano passado, ela retornou ao Brasil por duas vezes, antes de participar da residência.

— Não tenho lembranças dos anos em que vivi aqui, na época éramos hóspedes de uma parte da família que morava no Rio — conta Amanda. — É interessante notar a presença da imigração árabe na cultura brasileira, como na culinária, por exemplo, que tem grande influência dos pratos libaneses. Acredito que as trocas estabelecidas hoje com a imigração sejam menores.